

Fazer Escola pela Escrita

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de ELECTRICIDADE

Na juventude, quando me apercebia do desinteresse dos meus mestres (no sentido de profissionais a nível hierárquico superior) pela transmissão de uma linha de orientação coerente às actividades desenvolvidas, prometia a mim próprio que, um dia, logo que tivesse oportunidade responsável, haveria de criar estilos apropriados de expressão entre aqueles que comigo trabalhassem. Por isso, preocupei-me sempre com a busca dos melhores modos de transmissão escrita e gráfica, pela prosa e através do grafismo, ambos os casos segundo princípios dinâmicos de estética.

Estou a pensar na redacção de cadernos de encargos e memórias descritivas de múltiplos projectos de engenharia, quebrando a monotonia dos articulados tradicionais e dando-lhes uma nova vivacidade. Penso nas descrições didácticas, a todos os níveis de educação, concedendo-lhes clareza e fluidez. Recordo a definição da estrutura literária de dissertações em pós-graduações, com profundidade e objectividade, pela abstracção e sistematização.

Tal compromisso pessoal na evolução das actividades profissionais não nascem de geração espontânea. Já nos anos verdes da escola industrial (Fonseca Benevides, em Lisboa) recebia prémios de melhor aluno em português. Ainda revejo apontamentos das aulas no Instituto Industrial (hoje ISEL) caligrafados com letra técnica, no formato de livros joirados pelo estudo. E lembro-me de ter sido contemplado com o prémio do melhor estudante de desenho em 1956-57, no Instituto Superior Técnico.

Estas recordações explicam a referida tendência para conjugar a beleza nas codificações das mensagens, e procurar incutir no espírito dos colaboradores a mesma intenção mediática. Que o digam as secretárias de apoio nos mais diversos lugares onde tenho trabalhado. Que o manifestem os desenhadores dos complementos escritos. Que o expressem todos os assistentes sujeitos à minha orientação científica e pedagógica. Que o notem, até, os autores da revista ELECTRICIDADE, cujos originais são editados com reformulações estéticas (logicamente, sem afectação do conteúdo).

Ao longo dos anos consegui fazer-me ouvir entre os assistentes estagiários no âmbito universitário, quanto às preocupações terminológicas, acerca dos modos

sintáticos, sobre a sintaxe mais recomendável. É o que se diz "fazer escola". Encontrei nesses jovens idêntico estímulo pela concretização de uma identidade, traduzida na plástica textual. E a "escola" fez-se.

O tempo decorreu. Com ele, uns assistentes prosseguiram a vida noutros ambientes, sob objectivos distintos e noutras circunstâncias teleonómicas; será natural o esquecimento imediato das regras que fazem aquela escola. Mas outros ficaram a trabalhar a meu lado, já emancipados pelo doutoramento ou debaixo da sua orientação. Neste caso, a mudança de rumo que observo significa carência de espírito de equipa, falta de trabalho em grupo, incompreensão da identidade colectiva. A massificação (ou industrialização) da educação tem estes efeitos: perda de sensibilidade pelos princípios saudáveis, intensificação do individualismo doentio, despersonalização relativamente aos factos.

Afinal, o esforço de construção da sociedade tecnológica está a redundar na descaracterização perniciosa dos movimentos humanos, em resultado da integração fácil na descoordenação, por intermédio da diversidade de princípios à escala individual, numa permanente procura de soluções ao acaso.

A verdade, de facto, é que não consigo deixar "escola" no actual percurso. Porque os tempos não são de escolaridade: o frenezim da afirmação individual começa cedo a fazer atropelos, à custa do apetite da excelência especializada, pela concorrência desenfreada e de mau gosto, estressante e ilusória para o Homem como ser civilizado.

Todavia, reconfortam-me os testemunhos deixados no rasto sulcado. Durante muito tempo, os cadernos de encargos que redigi na Aeronáutica Civil (hoje ANA) serviram de modelo às gerações sucessivas de engenheiros que passaram no serviço de obras, pelo modo estruturado como estavam concebidos. E — pasme-se — quando regressei à Universidade de Hanover, onde estivera três anos antes, era a minha dissertação científica (redigida em alemão) que os estudantes de mestrado seguiam como guia, é claro, sob o ponto de vista estrutural.

Estes êxitos de concepção literária, entre outros em campos diferentes, levaram-me a melhorar a codificação pela escrita. E a transmitir esses preceitos aos enge-

nheiros mais chegados, convicto do efeito multiplicador para atingir a almejada "escola" de escritores em engenharia na língua portuguesa.

A mudança da literacia no decurso dos anos, porém, encarregou-se de mostrar a utopia desse projecto: os estudantes de engenharia têm de escrever muitos relatórios dos trabalhos que realizam nas várias disciplinas, mas não conseguem ir muito além das formulações matemáticas, naturalmente sintéticas, e das representações gráficas fabricadas por computador. A expressão de ideias por texto corrido falta sempre.

Nas pós-graduações, todavia, torna-se indispensável escrever as respectivas dissertações ou provas de especialização. Aí surge à tona todas as deficiências de comunicação escrita. Mesmo naqueles que me ouvem discursar, em sucessivos anos, porque nunca entenderam a importância de bem discorrer literariamente.

A repetição ensossa da voz passiva constitui a tônica mais chocante. Tenho revisto textos de assistentes que impressionam pela monotonia das formas de expressão, com o verbo "ser" conjugado a torto e a direito antes dos adjectivos verbais auxiliares. Por exemplo, "é" isto e "é" aquilo, porque "é feito" assim e "é interpretado" assado, quando as coisas "são manifestadas" destarte ou "são reveladas" por aquele meio. A voz activa não lhes passa pela cabeça, talvez por não serem activos realmente: olham para o testemunho escrito como um mal (ainda) necessário, sem dúvida passivo, sem reflexos na evolução das actividades em desenvolvimento. Porque o código usado chama-se língua portuguesa?

De facto, preocupam-se com as descrições em inglês, procuram assimilar as regras mais correctas nesta língua de todos. Mas o atropelo e a deselegância dos textos em português não os emociona. A utilização do computador facilita e encoraja tal inestética literária, mas não a justifica. A preguiça, essa sim, dá a devida justificação à repetição incontida dos formalismos para sentidos idênticos e díspares. Por exemplo, as coisas "são assim", porque os factos "são assim" e porque as medidas "são assim", nada fazendo supor que os fenómenos não "são assim". Basta seleccionar, cortar, colar e clicar: aí está dito e redito. Simples e económico. Mas cansativo para quem lê, maçador para quem gosta de ler, desgastante que baste.

Quando tudo podia ser diferente — e mais belo (que a vida deve ter beleza em tudo) se as escolas revelassem aos jovens o encanto extraível das palavras certas para as ideias expressas. Assim se faria "escola". **E**